



Scala Philosophorum Cabalistica Magia: Cabala teosófica e a hierarquização nos Símbolos Secretos dos Rosacruz dos séculos XVI e XVII

José Carlos de Abreu Amorim¹
João Florindo Batista Segundo²

Resumo

Este trabalho propõe-se a analisar a prancha “*Scala Philosophorum Cabalistica Magia atque arbor aurea de mysteriis numeris quaternarii, quinariii atque septenarii*”, presente na obra “Símbolos Secretos Rosacruz dos séculos XVI e XVII”, compêndio alemão sobre alquimia, cabala, cosmogonias etc. A iconografia em apreço, chamada escala cabalística, se inspira na árvore sefirótica, de influência sefardita, nos aspectos mágicos do neoplatonismo, na hierarquia divina de Pseudo-Dionísio, o Areopagita, no septenário celeste e no metálico, dentre outras fontes. Organizada em “esferas/mundos”, esta imagem ilustra o trajeto da Criação, de Deus ao homem e vice-versa. Sob a interpretação mágico-religiosa, a percepção destes componentes demonstra que o “elemento cabalístico” presente na gravura é mais uma abordagem simbólica que uma reprodução literal da árvore sefirótica.

Palavras-chaves: cabala, rosacruz, simbólica.

Abstract

This work proposes to analyze the plate “*Scala Philosophorum Cabalistica Magia atque arbor aurea de mysteriis numeris quaternarii, quinariii atque septenarii*”, present in the work “Secret Symbols of the Rosicrucians sixteenth and seventeenth centuries”, German compendium of alchemy, Kabbalah, cosmogonies etc. The iconography of this case, call Kabbalistic scale, is inspired by the sefirotic tree Sephardic influence, the magical aspects of Neo-Platonism, in the divine hierarchy of Pseudo-Dionysius the Areopagite, the heavenly septenary and metal, among other sources. Organized into “spheres/ worlds”, this illustrates the path of creation, of God to man and vice versa. Under the magical-religious interpretation, the perception of these components shows that “Kabbalistic element” present in the picture is more a symbolic approach that a literal reproduction of sefirotic tree.

Keywords: kabbalah, roscross, symbolic.

¹Mestrando no PPGCR – UFPB, membro do Grupo de Pesquisa Videlicet UFPB, graduado em Ciências das Religiões pela UFPB.

²Pós-graduado em Segurança Pública pelo CEPE-PMPB, pós-graduado em Gestão e Tecnologias Educacionais pelo CEPE-PMPB, graduado em Segurança Pública pela PMPB/UEPB, graduado em Direito pela UFCG, graduando em Filosofia pela FESC-FAFIC.



Introdução

Entre os anos de 1785 e 1788, em Altona, na Alemanha, é impresso “*Geheime Figuren der Rosenkreuzer aus dem 16 ten und 17 ten jahrhundert*” (“Símbolos secretos dos Rosacruz dos séculos XVI e XVII”), obra ricamente ilustrada que, como bem enfoca o título, é portadora de um abundante simbolismo ligado ao movimento rosacruz do século XVII, o qual veio a público através de três manifestos impressos e distribuídos nos anos de 1614, 1615 e 1616. Nestes textos, onde se dá a primeira menção ao termo rosacruz, não existe um discurso construído ou dirigido para os aspectos místicos do judaísmo, nem especificamente sobre a tradição da cabala: os temas alçados nos manifestos orbitam em torno da proposta de uma reforma universal e do surgimento de uma fraternidade composta por homens e mulheres *invisíveis* aos olhares dos curiosos, e detentores de um conhecimento “arcano” (CHURTON, 2009).

“Símbolos Secretos” traz uma gama de imagens que possuem como principal elo de ligação, os diversos conceitos de criação do cosmo (cosmogonias). O livro é na verdade uma compilação de vários opúsculos e tratados surgidos entre os séculos XVI e XVIII (alguns na íntegra; de outros, excertos extraídos). Segundo Carlos Gilly, bibliotecário da Biblioteca Filosófica Hermética, de Amsterdã, conhecem-se quatro versões de “Símbolos Secretos”, sendo algumas manuscritas e outras impressas. A instituição sob comento possui 5 cópias impressas e 10 cópias manuscritas (SALOMÓ *et al*, 2012).

A prancha aqui analisada aparece no principal tratado dos “Símbolos Secretos”, conhecido como “*DOMA - Tratado de Phisica, Metaphisica e Hyperphisica*”, originalmente tornado público por volta de 1700. Trata-se de “*Scala Philosophorum Cabalistica Magia atque arbor aurea de mysteriis numeris quaternarii, quinarii atque septenarii*” (“Escada cabalística mágica dos filósofos e o áureo alvor dos misteriosos números quaternário, quinário e setenário³”). Nesta imagem reúne-se de uma forma complementar, elementos alquímicos,

³ Tradução literal nossa.



cristãos, astrológicos e cabalísticos, todos confluindo nesta estrutura imagética para uma hierarquização, que discutiremos mais à frente.

Os judeus na Alemanha

No ano de 135 d.C. tem início a diáspora, quando os romanos expulsam os judeus da Palestina – que os israelenses hoje designam, Eretz Israel. As comunidades judaicas que se instalaram na Europa Central e Europa Oriental ficaram conhecidas como *asquenazitas* (do hebraico *ashkenazi*; no plural *ashkenazim*), de *Ashkenaz*, termo do hebraico medieval pelo qual designavam a Alemanha. A maioria destes judeus era falante de iídiche, idioma inspirado no alemão, no hebraico e nas línguas eslavas, palavra que só passou a ser empregada para designar o idioma a partir do século XVIII (HARSAHAV, 1994). Já os judeus que se instalaram em Portugal e Espanha ficaram conhecidos como sefarditas (em hebraico *sefardi*; no plural, *sefardim*), termo usado para designar a Península Ibérica (*Sefarad*). Sua língua era a *sefardi*, também conhecida como “judeu-espanhol” e “ladino” (MALKA, 1986).

Às margens do Reno e do Danúbio, em Mainz, Speyer, Worms, Trier, Augsburg e Regensburg estabeleceram-se colônias judaicas, onde se dedicaram ao comércio, ao contrário dos cristãos, majoritariamente agricultores. No fim do século XI, surgem diversas judiarias na Alemanha, próximas dos burgos e dos mercados.

A fim de expandir seu poder econômico, os soberanos da região garantiam proteção aos judeus às custas de altos impostos. E na Idade Média, já havia judeus usurários, de modo que a subsistência econômica de reis e bispos dependia daqueles, apesar de que a comunidade judaica permanecia à parte do sistema feudal, que era vedado a não-cristãos.

Este paradoxal distanciamento da vida social (a despeito das relações comerciais) ganhará reforço após os Concílios 1179 e 1215, quando os judeus se isolam da população, com as judiarias ganhando muros e portões (KAMPMANN *apud* SOUSA, 2015).

Com as cruzadas da Igreja Católica, recrudescem o antissemitismo, que perdurará por séculos a fio – inclusive com pogroms – e que resultará num maior isolamento das comunidades judaicas, em especial dos membros menos favorecidos economicamente, pois os abastados eram autorizados a permanecer nas cidades... desde que pagassem por isso.



ANALIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

O próprio precursor da Reforma religiosa, Martinho Lutero (1483-1546), condenou o antissemitismo, na expectativa de converter os judeus; porém, diante do insucesso, passou a hostilizá-los, sendo o ápice da execração, as obras “*Wider die Sabbater*”, (“Contra os defensores do Shabbat”), de 1538 e “*Von den Juden und ihren Lügen*” (“Sobre os judeus e as suas mentiras”), de 1543. Nestas, o principal personagem da Reforma Protestante afirmou que os judeus, de povo eleito passara a “povo do diabo” (apud MICHAEL, 2006). Esta postura não estigmatizou a mística judaica como um todo: a cabala e as explicações míticas e cosmogônicas continuaram a influenciar o pensamento ocidental, servindo-se de material simbólico para o seu esoterismo.

Em verdade, indiretamente, a Reforma foi favorável aos judeus, na medida em que a ruptura da unidade cristã deu vazão ao necessário pluralismo para o mínimo de convivência entre os adeptos das diversas denominações religiosas que agora surgiam e das já existentes. E por outro viés, encontraram apoio nos adeptos do humanismo, um dos frutos do Renascimento: defensores do antropocentrismo, por extensão os humanistas apoiavam o tratamento igualitário a todos os sistemas religiosos.

Pouco antes de 1600, chegam a Hamburgo, judeus portugueses de posses. Estes sefarditas fundam bancos e mantêm relativa distância dos asquenazes. Entre os séculos XVII e XVIII, os banqueiros constituirão um tipo de aristocracia judaica e ocuparão posições importantes na sociedade, a despeito de seus numerosos pares, que vivem em condições desfavoráveis nos guetos (SOUSA, 2015).

Nos guetos havia um sistema de leis de inspiração religiosa, elaborado pelos Rabis. Neste microcosmo social, a sinagoga era o lugar de encontros regulares dos judeus, que em seu tempo livre se dedicavam ao estudo da *Torá*, sob a orientação do Rabi, de modo que mesmo entre os mais pobres, o nível de alfabetização era elevado.

Com o fim da Idade Média e a emergência da classe burguesa, vários judeus tentam integrar-se ao meio social, mas se viram obrigados a relegar seus costumes religiosos.

É em meio a esta conturbada convivência social, que nasce os “*Símbolos Secretos*”, cuja a compilação no formato que a conhecemos atualmente é de 1785 e 1788, sua estrutura está baseada em diversos opúsculos e tratado alquímicos dos séculos XVI ao XVIII, o primeiro “livro”, que é editado em 1785, traz em sua folha de rosto uma referência de que é oriundo de



um antigo manuscrito, “*vindo à luz pela primeira vez*”; este manuscrito é o “D.O.M.A.”, ao qual já nos referimos anteriormente. Não podemos indicar um autor ou autores para este tratado, pois “seu idealizador” se oculta sob o título de um *Frater Rosacruz*.

Todavia, podemos seguir as indicações simbólicas deixadas em toda a obra, em especial na figura aqui analisada, para recompor fio a fio, a tessitura pautada no imaginário desta época, que bebe de fonte esotéricas judaicas, cristãs e rosacruzes.

Neste recompor e/ou decompor simbólico, lançamos mãos da Teoria Geral do Imaginário (TGI), conforme estruturada por Gilbert Durand cujos *Regimes da Imagem* afloram na hierarquização aqui manifesta (DURAND, 2002).

Da cabala, um esoterismo judaico, à mística cristã

Dentre as vertentes do que poderíamos chamar de um misticismo judaico e suas interações como a vida do povo judeu é a cabala que possuirá uma maior penetração na diáspora, e o continente europeu virá surgir e desenvolver este método esotérico – reservado a um grupo social específico e ligado a uma *Prisca Teologia* – que se originou no seio do judaísmo e que sucedeu formas anteriores do misticismo judaico.

Sua difusão, além de alicerçar-se numa explicação metafísica do cosmo, serviu-se também de elementos de resistência cultural frente ao isolamento de sua terra; deve-se ter em conta que com a diáspora, instaura-se uma situação totalmente nova, o “povo eleito” encontra-se agora longe da terra destinada a eles por Deus.

A cabala na sua estrutura pode ser apreendida enquanto um corpo de especulação basicamente esotérico “seja na sua explicação teosófico-teúrgica dos fundamentos lógicos dos mandamentos ou na tendência extática” de contemplação e utilização dos nomes divinos (IDEL, 2000).

Historicamente, de acordo com Laenen (*apud SALOMÓ et al*, 2012, p. 102), vê-se que a cabala tem seu surgimento:

Em finais do século XII e inícios do século XIII, a norte e sul dos Pirinéus orientais, surge de maneira aparentemente repentina, um movimento místico judaico, que ficaria conhecido como Cabala [...] Foi nos centros judaicos de Provença e Girona que se formou a primeira Cabala, e de Girona estendeu-se pelos reinos da Península Ibérica,



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

tendo alcançado o apogeu do seu desenvolvimento clássico no fim do século XIII, com o surgimento do Zohar.

A etimologia da palavra cabala vem do hebraico *qabbala*, “receber”, ou “acolher”, de modo que significa “recepção” ou “sabedoria recebida”. Objetiva expandir o nível de compreensão e de consciência dos seus praticantes e por consequência ampliar a conexão destes com Deus e estabelecer a harmonia entre todas as criaturas.

Um conceito caro aos cabalistas é o da árvore cabalística, ou sefirótica, cuja origem e explicação podem ser assim sintetizadas:

In twelfth-century Provence the earliest kabbalistic text, the *Bahir* reinterpreted the concept of the sefirot as depicted in the *Sefer Yetsirah*. According to the *Bahir*, the sefirot which in the *Sefer Yetsirah* correspond to the ten basic numbers are represented as divine attributes, lights and powers which fulfil particular rôles in the work of creation.

In the *Bahir* these divine powers constitute ‘the secret tree’ from which souls blossom forth; in addition, these powers are the sum of the ‘holy forms’ which are joined together in the form of supernal man. (COHN-SHERBOK, D.; CONH-SHERBOK, L., 1994, p. 37)

As dez *sefirot* (plural de *sefirá*), formas de manifestação da vontade de Deus no processo de Criação e de sua manutenção, contêm cada uma um aspecto da Luz original, que descem do Infinito – saídas do nada (*belimah*) – para animar todos os mundos e criaturas. Em ordem descendente, são elas: *Kether*, Coroa; *Chokmah*, Sabedoria; *Binah*, Inteligência; *Chesed*, Bondade; *Geburah*, Força; *Tipheret*, Beleza; *Netzach*, Vitória; *Hod*, Majestade; *Yesod*, Fundação; e *Malkuth*, Reino.

Outro aspecto importante é que para a cabala, há quatro mundos (*olamót*) diferentes, hierarquicamente organizados e que se desdobram de forma descendente, cada um deles contendo um grupo dessas energias encapsuladas, cujas posições e quantidades nos mundos variam conforme a “tradição” metafísica dos estudiosos em seu recorte histórico (HALEVI, 1973, p. 81-87; HALEVI, 2015; DUBOV, 2015). São eles:

- *Atizluth*, ou Mundo da Emanação ou dos Arquétipos;
- *Briah* ou Mundo da Criação;
- *Yetzirah* ou Mundo da Formação; e
- *Assiah* ou Mundo da Ação.

Além da *Torá* (o Pentateuco, primeiros cinco livros da Bíblia), outros textos relevantes aos cabalistas são: o *Talmud* (comentários sobre a *Torá*), o *Zohar* (coletânea de tratados



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

esotéricos, inclusive sobre interpretação da *Torá*), o *Sefer Yetsirah* (explicação esotérica da Criação), o *Maasseh Bereshit* (experiência mística de contemplação da Criação), o *Maasseh Merkavah* (escatologia) etc.

Na senda prática da cabala, há quatro níveis de interpretação da *Torá*: *peshat* (literal), *remez* (simbolismo das letras e dos números), *derash* (alegórico, onde se usa a *gematria*, a *temourah* e a *notarika*) e *sod* (nível secreto, por via meditativa), cujas primeiras letras formam o acróstico PaRDeS, “pomar ou paraíso”.

Pela mera leitura da *Torá* e demais obras de interesse cabalístico, o estudante alcança apenas os níveis intelectuais de interpretação (*peshat* e *remez*); para uma compreensão mais ampla, deve avançar para *derash* e *sod*, no que a gramática hebraica desempenha importante papel. Dentre os métodos empregados para demonstrar analogias entre passagens e/ou palavras da *Torá*, destacam-se a *gematria*, a *temourah* e a *notarika*.

Na *temourah*, ocorre permutação de letras, visando encontrar a origem e quintessência das palavras, cerne da energia que as anima. À guisa de exemplo, aplicando a *temourah* a Moshê (Moisés em hebraico), obtém-se *Hashem* (“o Nome” [de Deus]); assim, Moisés recebe a *Torá*, que é dada por Deus.

Já na *notarika*, realiza-se abreviações e cria-se acrósticos. Exemplo: De “*Bereshit barra Elohim*” (“No começo Deus criou”, primeiras palavras do Gênesis), obtém-se *TAM* (“perfeito”), de modo que a Criação é perfeita.

E na *gematria*, aplica-se um valor numérico a cada letra do alfabeto hebraico (que possui 22 no total), permitindo que uma palavra se torne um número e vice-versa. Deste modo, constata-se um liame entre duas palavras quando têm o mesmo valor numérico. Por exemplo, a palavra *ahavah* (“amor”) é composta de *aleph*, *he*, *beth* e *he*, que equivale a 1+5+2+5, cuja soma é igual a 13. Já a unidade (*e’had*) de Deus é composta por *aleph*, *heth* e *dalet*, que equivale a 1+8+4, cuja soma também resulta em 13. Tendo em vista que ambas têm correspondência numérica, para o cabalista isso demonstra que amor e unidade são equivalentes.

Pelos três métodos de codificação acima, alcança-se o nível de *derash*, mas para atingir a compreensão de *sod*, faz-se necessária profunda contemplação das letras e meditação (EGITURRE, 2001).

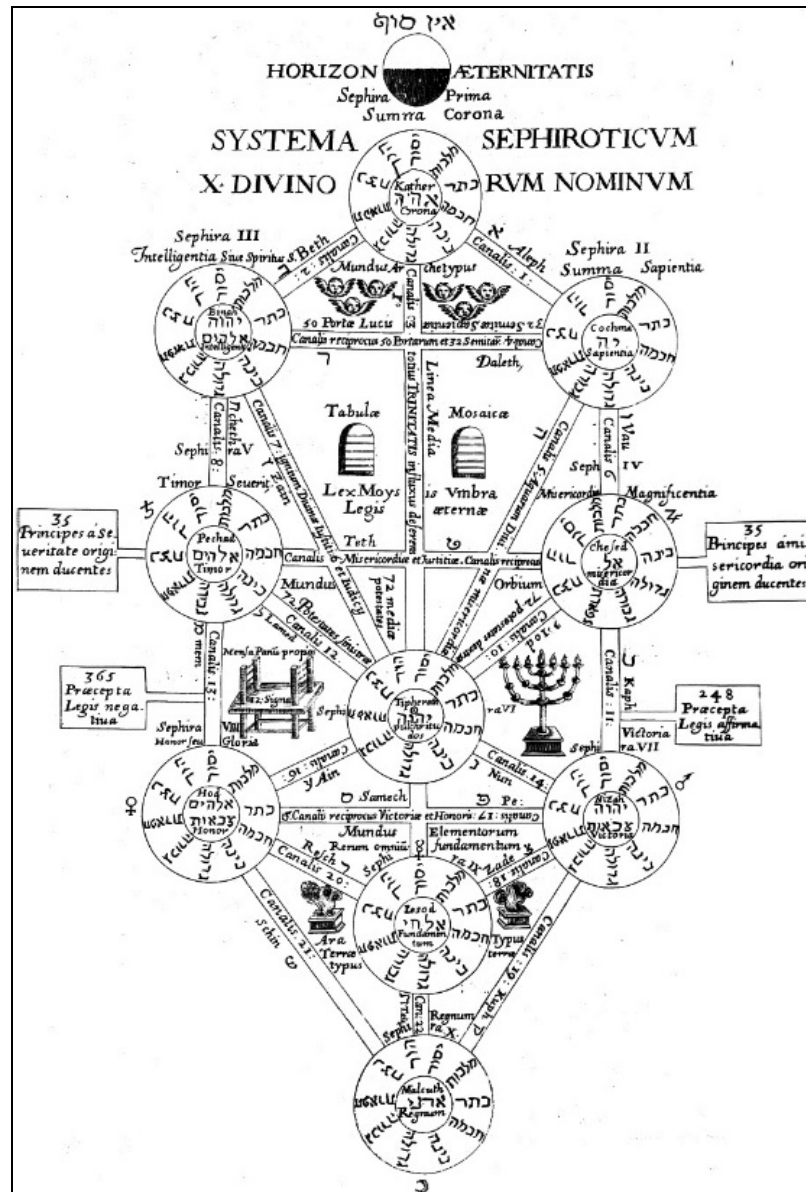


ANALIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

No que tange à história da cabala, através das obras de Pico Della Mirândola (1463-1494) – em especial, “*Oratio*” e “*Apologia*” – e “*De Arte Cabalistica*”, de Johannes Reuchlin (1455-1522), a cabala hebraica é empregada para firmar a teologia cristã: por exemplo, a ciência cabalística foi largamente empregada para decodificar as referências numéricas do Novo Testamento, principalmente do livro Apocalipse. Intermitente, no século XV também se dava a redescoberta dos textos herméticos e através de Cornelius Agripa, Petrus Severinus, Paracelos e John Dee, dentre outros, a cabala e a alquimia foram unidas e integradas plenamente à tradição esotérica do Ocidente (SALOMÓ *et al*, 2012).

Tendo em vista que a alquimia visa à transmutação da matéria e/ou da natureza íntima do homem, seus postulados são geralmente expressos através do simbolismo presente em imagens e textos, vez que se dirige à consciência intuitiva: “Cuando hablábamos abiertamente, no decíamos (en realidade) nada. Pero cuando escribíamos em lenguaje cifrado y em imágenes, ocultábamos la verdade” (*Rosarium philosophorum apud* ROOB, 2011, p. 11). Neste particular, o terceiro manifesto rosacruz, “As bodas alquímicas”, apresenta rica simbologia alquímica e demonstra o liame entre a tríade do início do século XVII, composta pelo Fama (1614), Confessio (1615) e as bodas alquímicas de Cristian Rosenkreuzer (1616) e os “Símbolos Secretos”.

FIGURA 1 – Árvore da Vida (sefirótica, cabalística) de Athanasius Kircher (1602–1680), conhecida como “Kircher Tree”. Ainda hoje é a forma mais popular de representar as *sefirot*.



Fonte: KIRCHER, Athanasius. Oedipus Aegyptiacus. Tom IIB. Classis IV: Cabala Hebraeorum. Encarte entre as páginas 288 e 289. Roma: Typographia Vitalis Mascardi, 1653. Disponível em: <<http://billheidrick.com/Orpd/AKir/AKOeAeII.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

Quanto à efervescência da cabala cristã, a grande maioria de seus expoentes era de judeus conversos e conhecedores (quase que naturalmente) dos estudos cabalísticos, Pico Della Mirândola por influência de seu mestre R. Yokhanan Alemão, promove uma aproximação entre temas cabalísticos, neoplatônico e cristãos na Itália renascentista (IDEL, 2008).

O surgimento da imprensa também foi fundamental à propagação destas ideias. Além disso, o próprio papa Sisto IV (1471-1484) ordenou a tradução de livros cabalísticos, a fim de



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

aplicar ao estudo da Bíblia os métodos dos cabalistas judeus e assim demonstrar a concordância com o cristianismo.

A partir de 1480, certos intelectuais judeus como R. Yokhanan Alemo, R. David Messer Leon, R. Isaac de Pisa e R. Abraão de Balmes, deram início a uma tentativa notável de interpretar a Cabala de acordo com os conceitos filosóficos difundidos em seu ambiente intelectual. Esta tradução da Cabala numa chave filosófica representava também, implicitamente, uma metamorfose para um sistema de ideias que pudesse ser entendido com facilidade por não-cabalistas, judeus ou cristãos, pressupondo-se que estivessem familiarizados com os tipos de pensamento filosófico empregados nos escritos de autores judeus. O interesse pela Cabala durante o período da Renascença foi compartilhado por judeus e cristãos italianos; ainda que servisse de ponte entre as duas religiões, ela era explorada para atividades missionárias cristãs, fato reconhecido abertamente por Pico della Mirandola. O fato da Cabala ter sido interpretada, em ambos os campos, de acordo com concepções filosóficas significa não só sua adaptação a especulações neoplatônico-herméticas prevalentes durante aquele período, mas também a redução de sua natureza esotérica. (IDEL, 2000, p. 372)

Moshe Idel entenderá que quanto mais o processo especulativo da cabala – marcado pelo abandono da tradição oral e pelo enfoque no texto escrito –, ampliou-se a transição do aspecto esotérico para o exotérico.

As conotações religiosas e filosóficas do Renascimento permitiram o surgimento do que posteriormente chamou-se de cabala cristã ou cabala do Renascimento e também a razão de seus estudos inicialmente se concentrarem na Itália e França (DAN, 2006); é exatamente neste ambiente que o esoterismo presente na cabala se torna um exoterismo, numa referência à abertura da *gnose judaica* via diversos escritos, inclusive o *Zohar*. Pico Della Mirandola e Marsilio Ficino demonstraram através de suas obras, as aproximações e até mesmo as afirmações de profecias dentro das boas novas cristãs.

O panorama da cabala no período do Renascimento e suas imbricações no *hassidismo* alemão e nas abordagens messiânicas dos discípulos de Codovero e de Isaac Luria possui um espectro polissêmico, cuja amplitude estas laudas não ousam abarcar. O exposto acima tenta evocar os aspectos herméticos e filosóficos que orbitam em torno do D.O.M.A e desta feita diretamente nos “Símbolos Secretos”, cuja metafísica judaica, através da simbólica aqui discutida, assume novos campos de abrangência: do símbolo, da alquimia, da astrologia e da imagética (este último, exteriorizando os conceitos teosóficos tornados claros através da árvore sefirótica).

Percebe-se que:



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

A cabala e suas ideias tiveram poderosa influência na cristandade. A igreja estava carecendo, nessa época, de confiança por parte de seu clero, muito perturbado pelas ideias que lhe chegavam do Islão e do judaísmo, através de suas universidades. Parecia que a fé não era o bastante. Ajudado por outros, Tomás de Aquino, doutor da igreja, encontrou a solução em seu estudo do judaísmo, combinando os trabalhos cabalísticos de Dionísio Areopagita com o pensamento de Aristóteles. A partir daí pode formular toda uma teologia que depois seria incorporada aos ensinamentos da Igreja. Ao contrário dos cristãos platônicos, Aquino trouxe para o universo mundano o abstrato, relacionando Deus e as influências angélicas ao mundo dos elementos, das plantas, dos animais, dos homens, através da árvore da vida. Desse conceito cabalístico vieram as nove ordens da hierarquia da Igreja. Até os construtores das grandes catedrais foram influenciados. (HALEVI, 1973, p. 17)

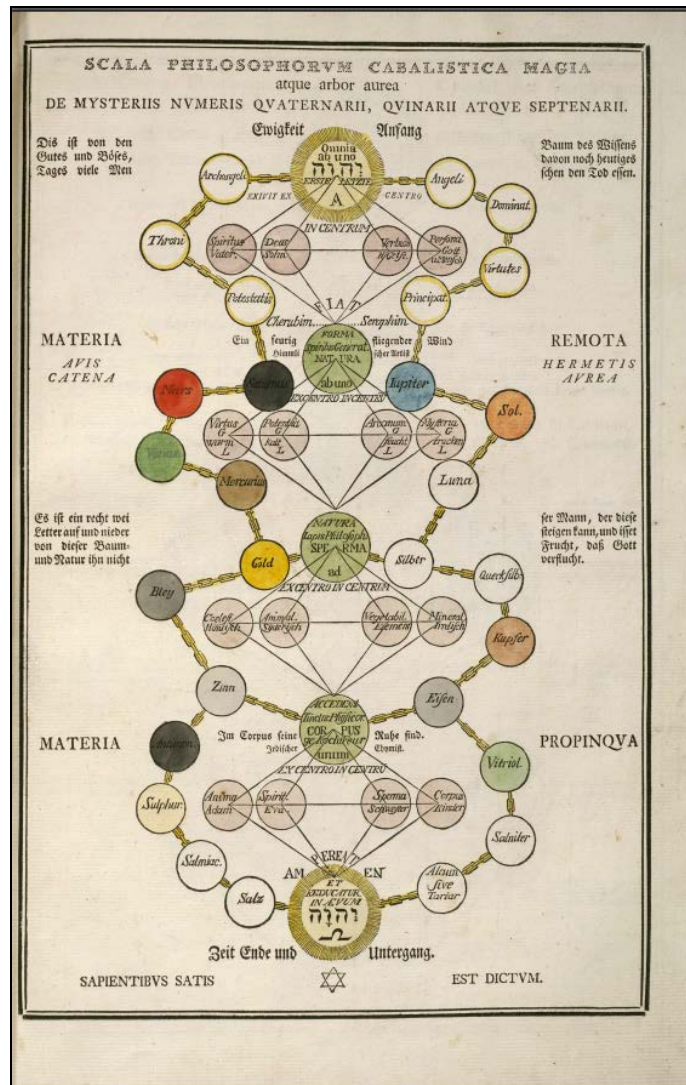
A partir dos comentários dos cabalistas, surgem listas de símbolos associados às *sefirot*, com a função de decodificar os textos da *Torá*, do *Talmud* e do *Zohar*, considerados “textos canônicos” da tradição cabalística. Nestas listas, há associações de letras, números, signos zodiacais, planetas, partes do corpo humano etc, o que as torna comparáveis aos bestiários, lapidários e horários surgidos no século XII (CLARO, 1996). Esta influência simbólica será uma via de mão dupla, permitindo uma troca de símbolos e conceitos entre as diferentes culturas: um exemplo disto é a identificação de Jesus com o protótipo do homem, o Adão Kadmon, ou o *pontinho do jota* (*yod*) (IDEL, 2000).

No século XVII, a produção literária da cabala cristã alcança com mais força a Alemanha e a Inglaterra e estende-se até a América do Norte. Destaca-se então o hebraísta alemão Christian von Rosenroth (1631-1689), autor de “*Kabbala Denudata*” (“A Kabbalah desvelada”, 1677-1684), obra que influenciou os círculos místicos e foi a principal fonte do cabalismo cristão ao longo de dois séculos (COUDERT, 1994); um dado curioso é que junto com os pietistas alemães, também aportou na Pensilvânia, Estados Unidos, uma das edições do “D.O.M.A.”, além do que, dentre os primeiros livros que mandaram imprimir, está uma edição da *Kabbala Denudata* (SACHSE, 1895).

No século XVIII, a cabala receberá outros tratamentos e através de autores como Eliphaz Levi, ligando-se ao movimento ocultista. Seguimos a opinião de Gerson Scholem (2008), de que este momento depõe contra o real sentido deste misticismo em particular. Não podemos excluir que sua influência atingirá alguns corpos maçônicos alemães, ao ressurgido movimento rosacruz alemão, ao Rito Escocês Retificado (da França) e à Ordem dos Eleitos Cohens de Martinez de Pasqually – cuja herança cultural seria revivida no século XIX, através

do martinismo de Papus e Augustin Chaboseau (AMBELAIN, 1946; CHURTON, 2009; GUÉNON, 2009; URSIN, 2014).

Figura 2 – Prancha “Scala Philosophorum Cabalistica Magia atque arbor aurea de mysteriis numeris quaternarii, quinari et septenarii”



Fonte: *Geheime figuren der rosenkreuzer aus dem 16 tem und 17 tem jahrhundert*. Altona: J. D. A. Eckhardt, 1758, s/n.

A partir da publicação dos escritos de Jacob Boehme, em 1682 (URSIN, 2014), entra em cena a menção à tradição teosófica, este termo sendo utilizado na sua raiz etimológica de “sabedoria divina”, da qual a teosofia boehmiana é um ramo da teosofia cristã, anterior à Sociedade Teosófica – esta surge no século XIX, com foco no budismo e no hinduísmo.



Pertinente ao lapso temporal analisado neste trabalho, dentre os teósofos cristãos, pode-se citar também John Pordage, Jane Leade, Johann Gichtel, Franz von Baader, Emanuel Swedenborg e Louis-Claude de Saint-Martin. “In fact, modern Christian theosophy represents a synthesis of many other currents, including alchemy, Jewish Kabbalah, chilvary, and the gnostic tradition represented by Eckhart and Tauler” (VERSLUIS, 2007, p. 101). Conseqüentemente o movimento teosófico se valeria do simbolismo cabalístico para alcançar uma imagem da dinâmica divina nos elementos do cotidiano, sem, todavia, propor uma ruptura entre os mundos material e espiritual (CLARO, 1996).

Cabala, metafísica do Divino: caminhos para glória

A cabala é uma das diversas expressões do misticismo judaico, um dos pilares de sua metafísica, pois na tentativa de explicar/explicitar a Criação, apresenta conceitos oriundos de profunda abstração e que projetam no intangível a possibilidade de uma pansofia. Como as demais experiências religiosas que têm por base um livro revelado, o judaísmo na sua parte exotérica – os seis primeiros capítulos do Genesis – descreve a narrativa do início do cosmo, não deixando margem a uma teogonia: não temos aqui o debate ou a narração da Criação por Deus os por deuses, começamos pelo cosmo e sua organização ou hierarquização; é nas abordagens metafísicas dos tratados cabalísticos que teremos estes temas elencados. Neste sentido, percebam que no *Zohar*:

Antes que pusesse sua Coroa para estabelecer Seu Reinado, Ele delineou e encerrou o Ilimitado dentro de limites. Correu uma cortina diante d’Ele, e nela Ele começou a desenhar Seu Reinado. Mas nada existia, exceto o nome. A real existência se fez manifesta somente depois da aparição do Santíssimo através do véu. (BENSION, 2010, p. 82)

Aqui estamos diante da deidade que traça perante si mesma um véu, para ocultar e assim conter o incontido.

Para a cabala, a glória divina possuiria duas formas, *Kavod penimi* e *Kavod Chitzoni*, a primeira sendo uma glória interna íntima de Deus e que o coração do homem não pode alcançar nem compreender; e a segunda se exterioriza, permitindo-se ser conhecida; é através deste segundo caminho que a *sefirá* será o reflexo simbólico do conceito de *Chen*, que pode ser



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

traduzido por graça, mas a partir de suas letras podemos ter também *Chochmá Nisteret*, “sabedoria esotérica e secreta” (REHFELD, 2015, p. 59).

Quando se fala dos sefirot no Sefer Yetzirah emprega-se a expressão belimah (aquí usada no sentido de “impedir”) porque “tu debes impedir a tua boca de falar e o teu coração de meditar”, pois os sefirot constituem a interioridade das letras e não estão inscritas na Torah como as letras. (SALOMÓ *et al*, 2012, p. 103)

Esta abordagem simbólica compreende a divindade numa dupla valência: uma parte que reside em si mesma tornando-se desconhecida pela sua não manifesta essência, onde o homem só a percebe através de uma *via apofática*, ou melhor, não a percebe, pois ao transcender seu conhecimento, ele apenas balbucia – “Aquele que não é” (MAÇANEIRO, 2011). Neste segundo caminho, é o próprio Deus que se exterioriza e assim se manifesta em sua criação, cujo reflexo simbólico o místico percebe e apreende: é a árvore cabalística, fruto do arquétipo de árvore tão cara ao *Homo sapiens* (a árvore cósmica que figura em várias cosmogonias enquanto veículo e até mesmo sustentáculo da Criação); neste ponto podemos perceber um *Deus Absconditus* e um *Deus Revelatus*.

Tais ideias permearam o imaginário alemão do século XV ao XVIII e influenciaram a produção imagética e literária deste período, além de emprestar terminologias e conceitos a movimentos tais como o pietista e o rosacruz.

Os quatro mundos em *Scala Philosophorum*

A maneira como “*Scala Philosophorum*” (figura 2) está organizada permite que façamos recortes da mesma para analisá-la por etapas, numa demonstração de que possivelmente se destinava a um método de ensino paulatino e contínuo, ou seja, os conceitos que representa e transmite não se apreendem em uma única “sessão de estudo”. Neste particular, apesar das dimensões consideráveis em que as pranchas foram impressas – (40 x 29½ cm (WELLCOME LIBRARY, 2015) –, não há registros que nos permitam afirmar que elas eram estudadas coletivamente, tal qual se fazia com as pranchas de traçar (*tracing boards*) empregadas nas lojas maçônicas (MACNULTY, 2007, p. 155). O que não significa dizer que inexistiu a transmissão oral de “mestre” a “discípulo”.

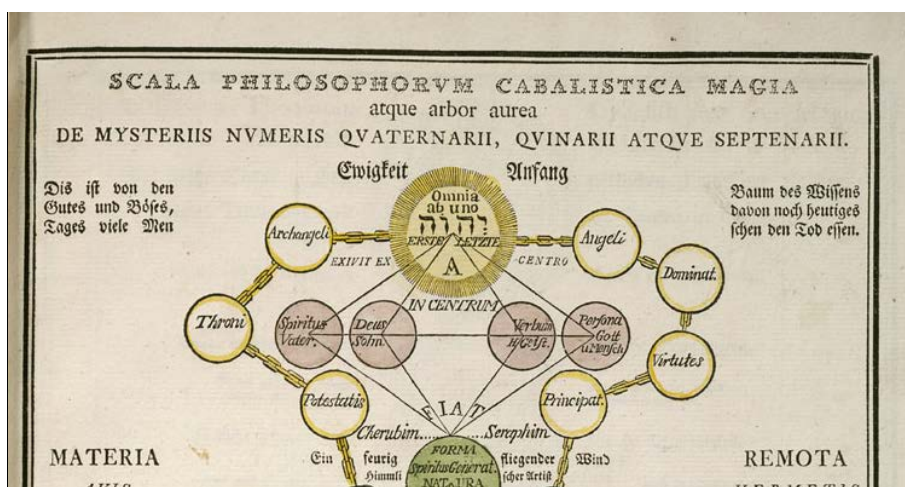
Na imagem sobre a qual nos debruçamos aqui, a ideia de dualidade manifestado/não manifestado surge através da expressão latina “*exivit ex centro*” (“fora do centro”), ligada à primeira esfera de manifestação, onde figuram o tetragrama divino (*yod, he, vav, he*), a expressão “*omnia ab uno*” (“tudo a partir de um único”), a letra A (alfa) e a expressão “*primeiro e último*”. Esta esfera é *Kether*, a Coroa, *sefirá* que semelhante ao *prime mobile*, reflete o primeiro impulso no processo de exteriorização de Deus.

Saindo do *centrum* de Si, a divindade permitir-se conhecer, e na retirada deste primeiro véu, “*In centrum*”, percebemos uma quaternidade de “pessoas”: *Spiritus/Pai*, Deus/Filho, *Verbum/Espírito Santo* e *Persona/Deus e Homem*.

Todas estas esferas estão no mundo superior, cuja borda exterior é formada pela hierarquia divina do Pseudo-Dionísio, o Areopagita, a saber: *Archangeli, Angeli, Throni, Dominat, Potestatis, Virtudes, Principat, Cherubim* e *Seraphim*. Guardando o portão do *Fiat*, “*Um vento Ígneo Volante Artista Celestial*”, conforme se vê no primeiro recorte (figura 3).

A organização das classes “angelicais” não segue a mesma ordem disposta em *De coelesti hierarchia* (AREOPAGITE, 2002): aqui temos os *Cherubim* e *Serafim* demarcando a “fronteira” entre dois mundos num instante anterior à Criação (*Fiat*) e *Archangeli* e *Angeli* ladeando a esfera (*sefirá*) *Omnia ab uno*, o princípio criativo. Lembremos que este “mundo” pode ser analogicamente comparado a *En Soph*, ou ainda, ao véu da *existência negativa*.

Figura 3 – Primeiro recorte da prancha “*Scala Philosophorum Cabalística Magia atque arbor aurea de mysteriis numeris quaternarii, quinariü atque septenarii*”.

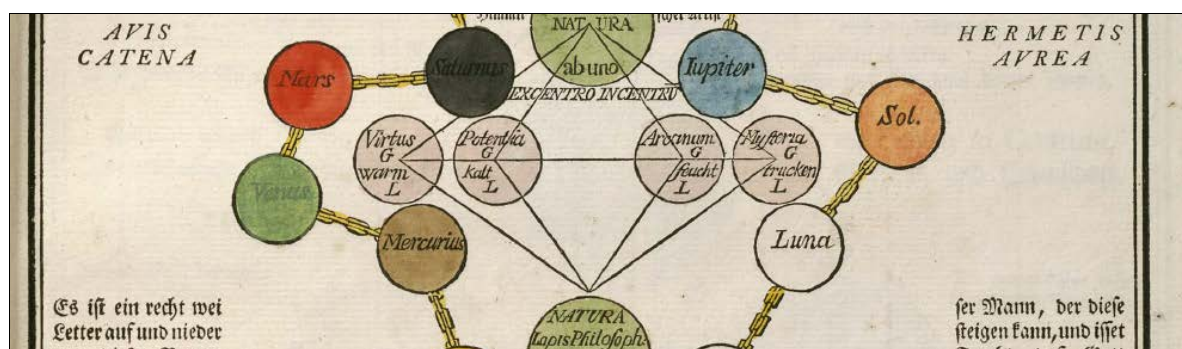


Fonte: *Geheime figuren der rosenkreuzer aus dem 16 tem und 17 tem jahrhundert*. Altona: J. D. A. Eckhardt, 1758, s/n.

Na estrutura de hierarquização, há no segundo recorte (figura 4) o equivalente ao “segundo mundo”, como bem definido na esfera central “*Forma Spiritus General Natura ab uno*”; neste plano, figuram ainda o *Septenário dos Antigos*, os “sete planetas”: *Jupiter, Sol, Lua, Mercurius, Venus, Mars* e *Saturnus*. Este é o mundo da forma, simbolizando a hierarquização cósmica.

No centro figuram também há quatro esferas: *Virtus/Quente, Potentia/Fria, Arcanum/Úmido* e *Mistério/Seco*, que são atributos da esfera da *Forma*, contendo o “*Ex centro in centrum*”. Nesta estrutura simbólica, a presença dos planetas permite perceber o cosmo organizado em torno dos princípios citados acima e que os astros são elementos dispostos entre o mundo divino e o mundo dos homens.

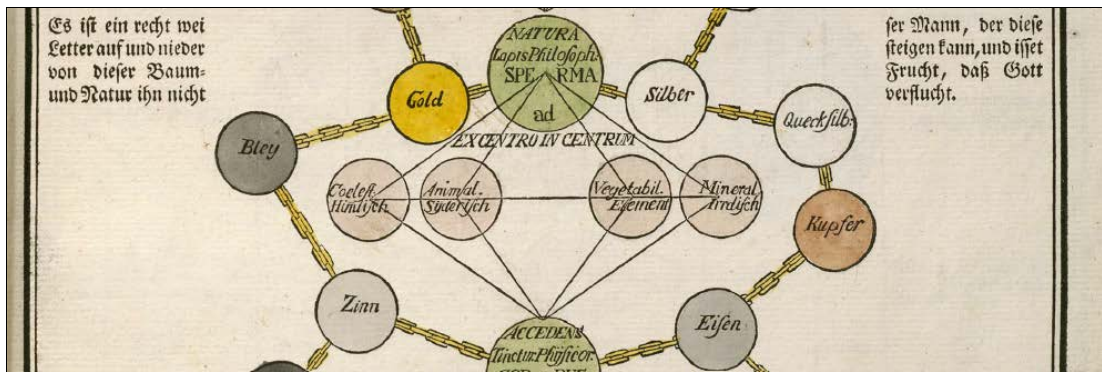
Figura 4 – Segundo recorte da prancha “*Scala Philosophorum Cabalistica Magia atque arbor aurea de mysteriis numeris quaternarii, quinariü atque septenarii*”



Fonte: *Geheime figuren der rosenkreuzer aus dem 16 ten und 17 ten jahrhundert*. Altona: J. D. A. Eckhardt, 1758, s/n.

Na figura 5 (terceiro recorte), vê-se outro detalhe da imagem. Aqui o leitor se depara com o terceiro mundo, indicado como “*Natura Lapis Philosophi Sperma*”, onde são referenciados os sete metais dos alquimistas, a saber: ouro, prata, chumbo, azougue (mercúrio), estanho, cobre e ferro.

Figura 5 – Terceiro recorte da prancha “*Scala Philosophorum Cabalistica Magia atque arbor aurea de mysteriis numeris quaternarii, quinariü atque septenarii*”

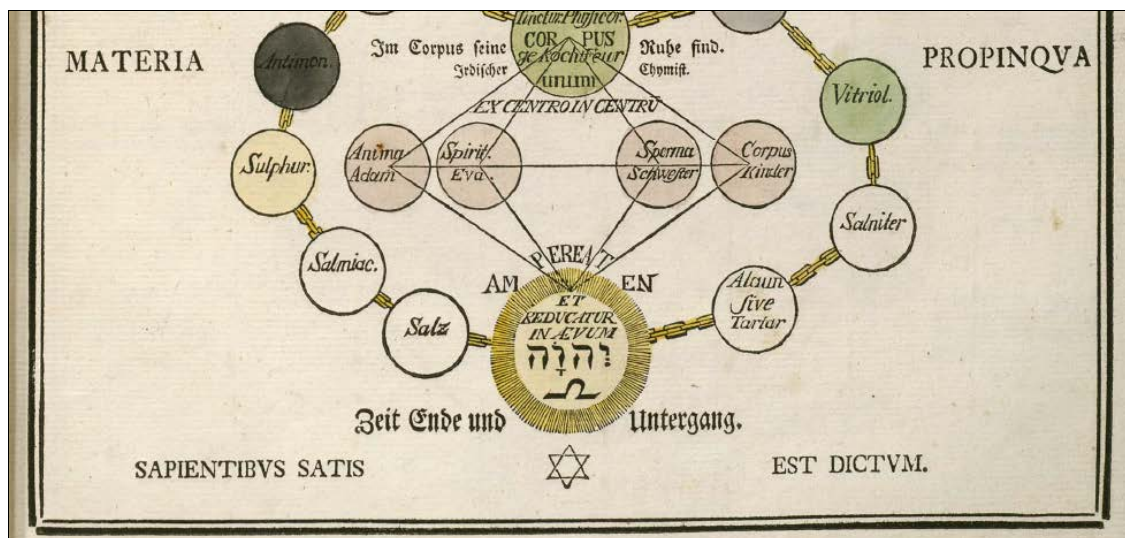


Fonte: *Geheime figuren der rosenkreuzer aus dem 16 tem und 17 tem jahrhundert*. Altona: J. D. A. Eckhardt, 1758, s/n.

As quatro esferas no centro – *Coelestia/Celestial*, *Animal/Sideral*, *Vegetabili/Elementos* e *Mineral/Terreno* –, neste estágio da imagem, referem-se aos reinos celeste, animal, vegetal e mineral e às suas interações.

No quarto e último recorte da imagem (figura 6), temos o último mundo, que pode ser pensado como uma emanção a partir do Alfa – a primeira esfera – até o Ômega, mas também podemos ter o primeiro degrau desta escada simbólica. Aqui se assenta a *tintura física*, caracterizada como *Corpus*, o “*Fogo fervente unum*”. Neste mundo de *Materia Propinqua*, através de elementos catalizadores e processos alquímicos, temos a completude da obra.

Figura 6 – Quarto recorte da prancha “*Scala Philosophorum Cabalistica Magia atque arbor aurea de mysteriis numeris quaternarii, quinariii atque septenarii*”



Fonte: *Geheime figuren der rosenkreuzer aus dem 16 tem und 17 tem jahrhundert*. Altona: J. D. A. Eckhardt, 1758, s/n.



Aqui temos antimônio, enxofre, sal amoníaco, sal, *alum* (ou tártaro), salitre e vitríolo, os quais circundam *Anima/Adão, Spirit/Eva, Sperma/Irmã e Corpus/Filhos*.

Seguindo a lógica estabelecida pela imagem até o presente momento, aqui temos o mundo totalmente manifesto e apreendido pelos sentidos. As interações entre os processos alquímicos neste caldo primordial esclarecem a proposta do tratado em si, que é a de demonstrar como a Criação emana de uma realidade extrafísica (*hyperphysyca*) até o mundo físico.

Este é também o mundo da realização de todo o cosmo, ou a completude da Criação; é o ômega refletindo o alfa assim como *Malkut* reflete *Kether* na árvore sefirótica. Aqui também figura o homem (o *antropos*), que no real entendimento da *Scala*, poderá subir e descer por ela sem sofrer as sanções do Criador.

A Scala Philosophorum Cabalística Magia, a cabala extática e a cabala teosófica-teúrgica

Na rápida análise descritiva acima, alguns elementos ficam menos nebulosos e pode-se perceber que a “*Scala*” dialoga com o sistema especulativo da cabala, que por si só estava aberto a influências diversas. É de se ressaltar que tendências teosóficas se mesclaram para propor uma infraestrutura divina que também foi marcada pelo neoplatonismo e o aristotelismo medieval (IDEL, 2000).

No que tange à cabala extática, as características básicas que subjazem na experiência mística são o êxtase, a união e a revelação, o que confirma a aproximação com o hermetismo. De acordo com Idel (2000, p. 377):

A cabala extática construiu a maior parte de sua teologia sobre conceitos claramente filosóficos, ligeiramente adaptados de modo a acomodar fontes antigas, como o Midrash, o Talmud e a literatura das Hekhalot. Suas técnicas místicas parecem ter sido profundamente influenciadas por fontes asquenazitas e até tradições mais antigas, como as da literatura das Hekhalot.

[...]

Consequentemente, podemos considerar a Cabala sendo composta de um determinado núcleo que adotou várias expressões de ambientes culturais por todas as épocas. A Cabala extática utilizou as linguagens maimonidiana, averroesiana, neoplatônica e eventualmente sufita para descrever a teologia e a psicologia que articulavam as experiências místicas.



A influência da teurgia na cabala torna-se perceptível nas suas duas grandes fases: a cabala zohárica e a luriância, que apesar de expressarem uma teosofia distinta entre si, compartilhavam da necessidade de aperfeiçoar a estrutura conceitual divina, utilizando-se de uma práxis de observação dos mandamentos, ou seja, da Lei (IDEL, 2000).

Esta concepção está em perfeita harmonia com “ventos que sopram” no Renascimento, impulsionando as concepções filosóficas e religiosas para um antropocentrismo. Há na abordagem cristã da cabala, um desvencilhamento do caráter teúrgico da mesma, confluindo ideias da figuração central do homem na Criação. “Uma das diferenças fundamentais entre os textos cabalísticos originais e sua apreensão pelos cabalistas cristãos era a neutralização do aspecto teúrgico, tão central para a Cabala judaica” (IDEL, 1998, p. 377). Entretanto, curiosamente os cristãos não descuraram dos aspectos mágicos, que são em grande parte anomianos: esporadicamente, cabalistas cristãos referem-se à cabala como uma espécie de magia, até mesmo uma magia superior.

Este afastamento está ligado de certa maneira à síntese *platônico-pitagórico-hermético-renascentista*, influenciadora de uma *Prisca Teologia*, síntese das mais diversas teologias através da religião cristã, visão compartilhada por autores como Marsilio Ficino, Pico Della Mirândola e Johannes Reuchlin.

Não podemos mapear todas as rotas que os conceitos teosófico-teúrgicos e extáticos tomaram para chegarem a esta imagem e a este manuscrito no século XVIII. O que constatamos é que na sua inteireza, a imagem “*Scala Philosophorum*” é portadora e propagadora desta forma de perceber o mundo e de o hierarquizar.

Dialogando com ambos os conceitos acima a imagem pode ser compreendida entre um e outro já que sua disposição imagética, assim como a da árvore sefirótica, evoca o caráter teosófico da cabala, e por sua contemplação, atinge-se um êxtase e a união mística.

Considerações finais

A construção do pensamento ocidental se dá a partir de dois pilares que acreditamos serem inseparáveis, a saber: o conhecimento histórico baseado em dados (“conhecimento” exotérico) e o conhecimento com base no mais recôndito da religião e da filosofia, conceituado



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

como esotérico. Este último foi marcado pela produção cultural do Renascimento, quando se deu a confluência das religiões do Livro, através de seus aspectos místicos e metafísicos a rememorar a ideia de uma *Prisca Teologia*, do que convém destacar a aproximação do judaísmo e do cristianismo, ambos influenciando e deixando-se influenciar.

O contexto em que a gravura aqui discutida ganha vida está embebido nas discussões sobre o cosmo e sobre os moldes do fazer ciência. Percebe-se que elementos místicos de indubitável influência judaica impregnaram o(s) seu(s) autor(es), e em razão do recorte histórico em que a mesma veio a lume é compreensível a opção pelo anonimato em favor de um autoproclamado movimento rosacruz, cujos membros se mantiveram invisíveis (talvez por isso eles tenham causado um “furor” ao século XVII, como alguns autores gostam de definir os acontecimentos daquela época).

Constatou-se que na imagem em tela estão presentes conceitos da cabala judaica no seu viés teosófico (enquanto explanação sobre Deus e sua obra), uma hierarquia celeste oriunda da patrística do século IV (mas aqui disposta de uma forma peculiar, diferindo do Areopagita), o septenário dos antigos (que também evoca as conjunções astrais), os sete elementos da *Arte Régia* e por último e não menos importante, processos da dita arte, além de compostos nela empregados e dela resultantes.

A impetuosidade simbólica desta prancha faz jus à instrução *arcana* que figura entre seus traços e cores, cujo véu poderia ser retirado ou não pelo *filósofo* (entenda-se, alquimista) do século XVIII a fim de imergir na produção imagética e/ou alquímica, o que é semelhante a adentrarmos numa densa floresta, ora seguindo migalhas de pão deixados por João e Maria (que nos antecederam), ora tentando seguir o fio que nos conduzirá pelo caminho de volta.

A meta almejada pela *hermenêutica simbólica* alicerçada na Teoria Geral do Imaginário é a restituição do símbolo ao seu lugar de direito, é entendermos os processos analógicos que regem uma apreensão dos mesmos (DURAND, 2000; DURAND, 2004). Logo, “*Scala Philosophorum*” assemelha-se à árvore sefirótica não porque possui entre suas esferas *Kether*, *Binah*, *Malkuth* etc, mas porque numa dialética simbólica, vemos através da analogia os quatro mundos, os processos hierarquizantes e o tetragrama divino num instante anterior à quebra dos vasos. Esta analogia permite que confluam os conceitos aqui elencados.



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

Atribuir uma finalidade a “*Scala Philosophorum*” – assim como a outras expressões imagéticas ligadas a movimentos esotéricos cujo recorte temporal ambienta-se entre os séculos XVI e XVIII –, tende a ser uma prática redutora e não contribui para a percepção do pensamento do período em questão, pois apesar dela possuir uma independência simbólica – início, meio e fim definidos –, integra um tratado mais amplo, o “D.O.M.A.”, e para atingimos especulativamente as fronteiras conceituais da mesma, teríamos que nos estender por mais páginas. Isto fugiria à metodologia do presente trabalho e também à problematização que o ensinou, à qual o opúsculo respondeu. Nosso intuito foi o de localizar na estrutura hierárquica presente na imagem os elementos constituintes que são oriundos da cabala teosófica e comprovar a influência judaica neste recorte temporal do esoterismo ocidental e no seu imaginário, do qual “*Símbolos Secretos*”, com sua profusão de pranchas, constitui-se, se não a maior expressão, uma das mais desafiadoras.

Referências

AMBELAIN, Robert. **Le Martinisme**: Histoire et doctrine. Paris: Éditions Niclus, 1946.

AREOPAGITE, Dionysius the. **The Celestial Hierarchy**. 2002. Disponível em: <<http://www.aren.org/prison/documents/religion/Misc/The%20Celestial%20Hierarchy--Dionysius%20the%20Areopagite.pdf>>. Acesso em 11 abr. 2015.

BENSION, Ariel. **O Zohar** – o livro do esplendor. São Paulo: Polar, 2010.

COHN-SHERBOK, Dan; COHN-SHERBOK, Lavinia. **Jewish & Christian Mysticism** – an introduction. New York: The Continuum Publishing Company, 1994.

CHURTON, Tobias. **A história da Rosa-Cruz**: os invisíveis. São Paulo: Madras, 2009.

CLARO, Andres. **La Inquisición y la Cábala** – Un Capítulo de la Diferencia entre Metafísica Y Exilio. Vol. II. Santiago: LOM Ediciones – Universidad ARCIS, 1996.

COUDERT, Allison P. **The Kaballa Denudata**: converting Jews or seducing Christians. In *Jewish Christians and Christian Jews: From the Renaissance to the Enlightenment*. POPKIN, Richard H.; WEINER, Gordon M. (orgs.). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1994. p. 73-96.

DAN, Joseph. **Modern Times**: The Christian Kabbalah. In *Kabbalah: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.



ANAIIS ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

DUBOV, Nissan Dovid. **The Four Worlds**. Disponível em:

<http://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/361902/jewish/The-Four-Worlds.htm>.

Acesso em 18 abr. 2015.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: edições 70, 2000.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O imaginário**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

EGITURRE, Ouram. **Kabbale du cœur et martinisme**. In *Le Pantacle*. année IX. n. 9. Le Tremblay: OMT, 2001. p. 10-16.

GUÉNON, René. **Estudos sobre a Franco-Maçonaria e o Companheirismo**. Tradução de Luiz Pontual. São Paulo: IRGET, 2009.

HALEVI, Shimon. **A árvore da vida**. São Paulo: Editora Três, 1973.

HALEVI, Z'ev bem Shimon. **An Introduction to Kabbalah**. Disponível em:

<<http://www.kabbalahsociety.org/wp/articles/an-introduction-to-kabbalah/>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

HARSAHAV, Benjamin. **O significado do iídiche**. Coleção Estudos, 134. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

IDEL, Moshe. **Cabala: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

_____. **As interpretações mágica e neoplatônica da cabala no período renascentista**. In *Cabala, cabalismo e cabalistas*. São Paulo: Editora Perspectiva / CIEUJ da Universidade Hebraica de Jerusalém, 2008.

KIRCHER, Athanasius. **Oedipus Aegyptiacus**. Roma: Typographia Vitalis Mascardi, 1653. Disponível em: <<http://billheidrick.com/Orpd/AKir/AKOeAeII.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

MAÇANEIRO, Marcial. **O labirinto sagrado**. São Paulo: Paulus, 2011.

MACNULTY, W. Kirk. **A Maçonaria: símbolos, segredos, significado**. Marcelo Brandão Cipolla (trad.). Z. Rodrix (rev.). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MALKA, Victor. **Les Juifs Sépharades**. coll. Que sais-je ? Paris: Presses universitaires de France, 1986.

MICHAEL, Robert. **Holy Hatred: Christianity, Antisemitism and the Holocaust**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

REHFELD, Walter. **Introdução à mística judaica**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.



ANAI ELETRÔNICOS
1ª EDIÇÃO
SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO E CABALA

ROOB, Alexander. **El museo hermético**: alquimia & mística. Hong Kong: Taschen, 2011.

SACHSE, Julis. **The German Pietist of Provincial Pennsylvânia**. Philadelphia: Printed for the author, 1895.

SALOMÓ, Eduard Berga et al. **Sabedoria do silêncio**. Lisboa: Fundação Rosacruz, 2012.

SCHOLEM, Gershom. **As grandes correntes da mística judaica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

SOUSA, Maria Gil de. **Os Judeus no espaço alemão e a procura de uma pátria**. Disponível em: < http://www.ipv.pt/millennium/millennium25/25_23.htm>. Acesso em: 13 abr. 2015.

URSIN, Jean. **Criação e história do rito escocês retificado**. Tradução de Alan Bernardes Rocha. São Paulo: Madras, 2014.

VERSLUIS, Arthur. **Magic and Mysticism**: an introduction to Western Esotericism. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers, 2007.

WELLCOME LIBRARY. **MS.4259**. Disponível em: < [ISSN: 2447-8113](http://archives.wellcome.ac.uk/Dserve/dserve.exe?dsqIni=Dserve.ini&dsqApp=Archive&dsqCmd=Show.tcl&dsqDb=Catalog&dsqPos=447&dsqSearch=((text)=%27alchemy%27)>. Acesso em: 12 abr. 2015.</p></div><div data-bbox=)